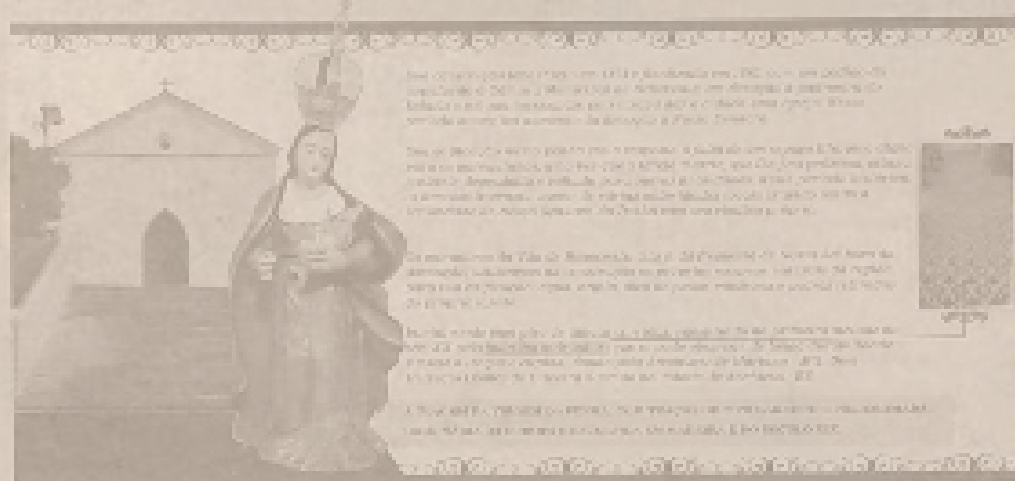


## Capela da Invoação da Virgem Senhora da Penha

Situada no município de Anchieta, no sul do Estado de Espírito Santo, a Capela de Nossa Senhora da Penha é o segundo monumento histórico, artístico, religioso e turístico do município herdado da povoação da antiga Vila de Anchieta.



Esta capela foi construída entre 1714 e 1720 e inaugurada em 1720, em estilo barroco paulista, com o nome de Nossa Senhora da Penha e do Espírito Santo. Foi construída em homenagem ao padroeiro da Vila de Anchieta, São Espírito Santo, e ao Espírito Santo, padroeiro da Vila de Anchieta, São Espírito Santo.

Esta capela foi construída entre 1714 e 1720 e inaugurada em 1720, em estilo barroco paulista, com o nome de Nossa Senhora da Penha e do Espírito Santo. Foi construída em homenagem ao padroeiro da Vila de Anchieta, São Espírito Santo, e ao Espírito Santo, padroeiro da Vila de Anchieta, São Espírito Santo.

A capela foi construída entre 1714 e 1720 e inaugurada em 1720, em estilo barroco paulista, com o nome de Nossa Senhora da Penha e do Espírito Santo. Foi construída em homenagem ao padroeiro da Vila de Anchieta, São Espírito Santo, e ao Espírito Santo, padroeiro da Vila de Anchieta, São Espírito Santo.

A capela foi construída entre 1714 e 1720 e inaugurada em 1720, em estilo barroco paulista, com o nome de Nossa Senhora da Penha e do Espírito Santo. Foi construída em homenagem ao padroeiro da Vila de Anchieta, São Espírito Santo, e ao Espírito Santo, padroeiro da Vila de Anchieta, São Espírito Santo.

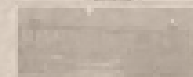
A capela foi construída entre 1714 e 1720 e inaugurada em 1720, em estilo barroco paulista, com o nome de Nossa Senhora da Penha e do Espírito Santo. Foi construída em homenagem ao padroeiro da Vila de Anchieta, São Espírito Santo, e ao Espírito Santo, padroeiro da Vila de Anchieta, São Espírito Santo.



A capela foi construída entre 1714 e 1720 e inaugurada em 1720, em estilo barroco paulista, com o nome de Nossa Senhora da Penha e do Espírito Santo. Foi construída em homenagem ao padroeiro da Vila de Anchieta, São Espírito Santo, e ao Espírito Santo, padroeiro da Vila de Anchieta, São Espírito Santo.



A capela foi construída entre 1714 e 1720 e inaugurada em 1720, em estilo barroco paulista, com o nome de Nossa Senhora da Penha e do Espírito Santo. Foi construída em homenagem ao padroeiro da Vila de Anchieta, São Espírito Santo, e ao Espírito Santo, padroeiro da Vila de Anchieta, São Espírito Santo.



A capela foi construída entre 1714 e 1720 e inaugurada em 1720, em estilo barroco paulista, com o nome de Nossa Senhora da Penha e do Espírito Santo. Foi construída em homenagem ao padroeiro da Vila de Anchieta, São Espírito Santo, e ao Espírito Santo, padroeiro da Vila de Anchieta, São Espírito Santo.



A capela foi construída entre 1714 e 1720 e inaugurada em 1720, em estilo barroco paulista, com o nome de Nossa Senhora da Penha e do Espírito Santo. Foi construída em homenagem ao padroeiro da Vila de Anchieta, São Espírito Santo, e ao Espírito Santo, padroeiro da Vila de Anchieta, São Espírito Santo.

A capela foi construída entre 1714 e 1720 e inaugurada em 1720, em estilo barroco paulista, com o nome de Nossa Senhora da Penha e do Espírito Santo. Foi construída em homenagem ao padroeiro da Vila de Anchieta, São Espírito Santo, e ao Espírito Santo, padroeiro da Vila de Anchieta, São Espírito Santo.



A capela foi construída entre 1714 e 1720 e inaugurada em 1720, em estilo barroco paulista, com o nome de Nossa Senhora da Penha e do Espírito Santo. Foi construída em homenagem ao padroeiro da Vila de Anchieta, São Espírito Santo, e ao Espírito Santo, padroeiro da Vila de Anchieta, São Espírito Santo.

**HISTÓRIA POPULAR**  
A capela foi construída entre 1714 e 1720 e inaugurada em 1720, em estilo barroco paulista, com o nome de Nossa Senhora da Penha e do Espírito Santo. Foi construída em homenagem ao padroeiro da Vila de Anchieta, São Espírito Santo, e ao Espírito Santo, padroeiro da Vila de Anchieta, São Espírito Santo.

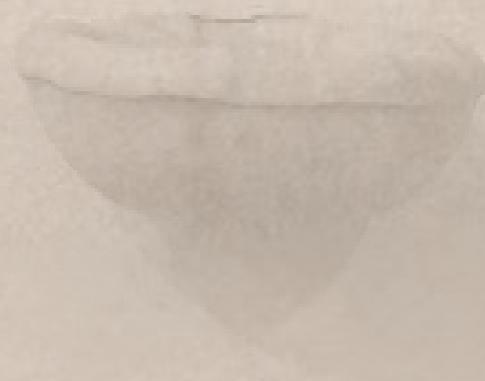
A capela foi construída entre 1714 e 1720 e inaugurada em 1720, em estilo barroco paulista, com o nome de Nossa Senhora da Penha e do Espírito Santo. Foi construída em homenagem ao padroeiro da Vila de Anchieta, São Espírito Santo, e ao Espírito Santo, padroeiro da Vila de Anchieta, São Espírito Santo.

ARTIGO

## A CAPELA DE NOSSA SENHORA DA PENHA: CONTRIBUTO PARA UM PROJETO DE REVITALIZAÇÃO

Ivan Petri Florentino

Graduado em História pelo Centro Universitário São Camilo-ES, Licenciado em Pedagogia pela Universidade de Uberaba, especializado em História do Brasil, Gestão Integradora pela Universidade Candido Mendes e Museologia.





## Resumo

A Capela de Nossa Senhora da Penha, na cidade de Anchieta – Espírito Santo, foi construída durante a segunda metade do século XIX, fruto da devoção popular mariana à Virgem da Penha, venerada no Estado desde o século XVI. O objetivo principal deste trabalho é a apresentação do projeto que foi elaborado e executado para a salvaguarda do imóvel e respectivo acervo, restaurando-o e preservando sua característica artística, arquitetônica e dos materiais. Esta iniciativa permitiu a reabertura da Capela com o mesmo propósito para a qual foi edificada. A implementação do projeto foi realizada em duas fases: a análise na qual fizemos o reconhecimento físico e histórico a que se seguiu a identificação e avaliação dos bens móveis e imóveis com vista a uma intervenção e que permitiu melhorar importantes aspectos. Colocar o patrimônio a serviço de moradores e visitantes foi o propósito do caso apresentado neste estudo.

**Palavras-chave:** Conservação; Patrimônio; Religião.

## Abstract

The Chapel of Our Lady of Penha, in the city of Anchieta - ES, was built during the second half of the nineteenth century fruit of the popular Marian devotion to the Virgin of Penha, venerated in the state since the sixteenth century. The main objective of this work is the presentation of the project that was elaborated and executed to safeguard the property and its collection, restoring it and preserving its artistic, architectural and materials characteristics. This initiative allowed the reopening of the Chapel with the same purpose for which it was built. The implementation of the project was carried out in two phases: the analysis in which we made the physical and historical recognition, followed by the identification and evaluation of movable and immovable property with a view to an intervention, which allowed us to improve important aspects. Putting assets at the service of residents and visitors was the purpose of the case presented in this study.

**Keywords:** Conservation. Patrimony. Religion.

## Introdução

Os seres humanos produzem em seu cotidiano vestígios ou patrimônios que os distinguem e caracterizam; são suas heranças que vão além dos bens transmitidos aos herdeiros, por exemplo, terras, dinheiro e outros bens de natureza material. Seu conjunto patrimonial, ainda que formado por este tipo de haveres, possui uma dimensão de cultura material (SCHLERETH, 1985) como representação de suas formas de vida, valores éticos, estéticos e morais, que acabam permanecendo como memória histórica e etnográfica. O caso da Capela de Nossa Senhora da Penha faz parte da memória histórica e cultural da cidade de Anchieta-ES. Como propriedade da Mitra da Arquidiocese de Vitória-ES, quem administra este patrimônio é a Paróquia de Nossa Senhora da Assunção. Por ser um edifício representativo da identidade

local, a Secretaria de Turismo da cidade de Anchieta-ES integrou-o na rede de edifícios históricos de interesse municipal.

Nos últimos anos, raras vezes era utilizada para o culto e oração, esteios da natureza do “fenômeno religioso” (CEP, 1990, p.3), passando a ser utilizada, sobretudo como capela mortuária, subordinada à administração do Santuário Nacional de São José de Anchieta, que lhe fica próximo. Por iniciativa e até certa persistência da zeladora, Maria Paula Matos, já falecida, permaneceu diariamente aberta, porém, pouco procurada. A reapropriação deste espaço se deu pela iniciativa do Padre Felipe de Assunção Soriano, que alocou os meios necessários para devolver este espaço histórico e cultural aos fiéis.

A sinergia conseguida com a paróquia e a comunidade católica da Penha proporcionou os meios humanos e materiais para a montagem e realização do projeto. O objetivo de (re)converter a antiga capela num local de promoção das atividades religiosas e turísticas, por extensão, começou a tomar corpo no final de 2016. A Companhia de Jesus, responsável pela administração da Capela desde 1928, tinha o interesse de pensar este patrimônio em sua relação com a Igreja de Nossa Senhora da Assunção, fundada por São José de Anchieta em 1579 e convertida em monumento nacional em 1943.

O Santuário Nacional São José de Anchieta é um patrimônio carregado de simbolismo e necessário ao exercício da missão da ordem religiosa. A proximidade entre as duas igrejas e a localização no centro histórico da cidade de Anchieta-ES justificavam a iniciativa. Contudo, embora o fato da finalidade apostólica desenvolvida na paróquia de Nossa Senhora da Assunção pela Companhia de Jesus se sobrepor no contexto paroquial de 2016-17 às funções culturais e turísticas da capela de Nossa Senhora da Penha, a revitalização e preservação da capela atendia às funções religiosas e históricas da comunidade. Aliás, estes propósitos se encontram configurados na criação da Comissão Episcopal Especial para os bens culturais da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), segundo a qual a dimensão e ação evangelizadora da Igreja Católica não diminui, mas pelo contrário, potencializa ainda mais a importância e vocação histórica e cultural dos seus espaços. A nível nacional a adoção de medidas no quadro do movimento da nova museologia segue na mesma linha. Segundo Paiva:

O museu deve buscar estar em contato com a comunidade desde o momento em que formata a concepção do programa do museu até a aquisição dos objetos a serem musealizados (...) [sendo necessário] estabelecer uma relação com a comunidade através da escola. Têm-se visto iniciativas como oficinas de educação patrimonial e atividades no interior (PAIVA, 2013, p.7).

Para conceber o projeto partimos das três seguintes premissas:

1. Como reverter o estado de semi-abandono?
2. De que recursos materiais e imateriais dispomos?
3. Como entender a intervenção com base nas teorias museológicas, tendo-se em conta o estudo da forma como este mesmo patrimônio poderá contribuir para o desenvolvimento das comunidades locais e contribuir para a valorização da autoestima delas em relação à sua identidade e memória coletiva?

## Capela Nossa Senhora da Penha

A Capela foi erguida em meados do século XIX, na antiga Vila de Benevente, e é, cronologicamente, o segundo edifício de natureza religiosa com expressão artística e cultural da cidade. Sua construção está ligada às mudanças decorrentes da “Lei dada para a proscricção, desnaturalização e expulsão dos regulares da Companhia de Jesus, nestes reinos e seus domínios”, de 03 de setembro de 1759, em consequência da qual deixaram os jesuítas a vila de Benevente no dia 21 janeiro do ano imediato. Localizada na colina mais alta da cidade, em local com ocupação humana desde os períodos pré-históricos, isto é, terra dos índios Tupinikim da aldeia de Reritiba, público alvo da missão jesuítica fundada em 1579 por São José de Anchieta (CUNHA, 2015).

Com a expulsão dos jesuítas, as dependências da residência histórica que fora da Companhia de Jesus anexas à igreja abrigaram novos serviços e instituições da Vila de Bebevente: a Câmara Municipal, o tribunal da Comarca, a Casa do juiz, a cadeia municipal, a residência paroquial, o quartel da guarda, cavalaria e o cemitério ou “Campo Santo” no espaço do pátio da residência.

Com o passar do tempo, a antiga residência e a igreja matriz ficaram sem padre e recursos para



1: Fachada principal da Capela de Nossa Senhora da Penha. Foto do autor, 10 de janeiro de 2017.

sua manutenção. O telhado da igreja de Nossa Senhora da Assunção com muitas goteiras e o madeiramento fragilizado pelas águas e pelo cupim (CARVALHO, 1982, p. 102), fizeram com que o uso do espaço religioso se tornasse perigoso para o culto no interior da igreja.

A população, preocupada com a situação de abandono e sem espaço adequado para suas ações litúrgicas, decidiu criar a Irmandade de Nossa Senhora da Penha (Padroeira do Estado do Espírito Santo, com culto desde o século XVI). Para este intento, estabelece em ata e seu respectivo síndico que, entre outras funções, tinha a responsabilidade de arrecadar fundos e/ou patrocínios para iniciar a construção de uma nova Igreja dedicada à Virgem.

Com efeito, a devoção à Maria faz parte do imaginário do povo da região. Considerada intercessora e libertadora, não é de se estranhar que Santa Maria tenha sido a escolhida para o novo templo. A ideia de construir uma nova capela ou igreja começou com o antigo vigário Padre Felipe Gonçalves, em 1818. A ideia foi depois sustentada

e promovida pelo pároco André Bertolo J. Meguez que, junto aos moradores, fortalecidos pela Irmandade de Nossa Senhora da Penha, tomaram a iniciativa.

Assim, em 1870, por vontade e a pedido dos fiéis, foi assinado pelo síndico um projeto de lei para apreciação, discussão e aprovação pela Câmara Municipal a favor da construção de uma capela. Na altura, para resolver definitivamente o impasse, utilizaram o argumento da importância de haver mais uma igreja para a população da Vila, visto que se tornara inviável insistir nas antigas instalações da matriz, por exigirem mais dinheiro do que a construção de um templo menor e mais barato. Este argumento convenceu o poder público e a diocese. Com a provação da lei, a Irmandade deu início à campanha para recolha de fundos destinados à construção no cimo do morro mais alto, como convém à Senhora da Penha, tendo sua construção se prolongado por dez anos, entre 1873 e 1883.

Sobre esta capela, circula na cidade uma lenda que afirma: “A Capela de Nossa Senhora da

Penha foi erguida no ano de 1873, mandada construir pelo Sr. Manuel Passos Martins, proprietário abastado, em pagamento de uma promessa feita à Nossa Senhora da Penha, pela intercessão em favor do restabelecimento da saúde de sua filha que se encontrava gravemente enferma com febre malária” (Recolha oral de D. Paula Matos, Anchieta, dezembro, 2016).

De fato, a construção avançou ao ritmo das disponibilidades monetárias da população, sem interferência dos órgãos eclesiais que intervieram apenas na inauguração e bênção da capela, conforme ofício da Câmara Municipal dirigido ao Presidente da Província a relatar o ato religioso no sábado, dia primeiro de setembro de 1883, e que identifica os padres participantes da cerimônia:

A Câmara Municipal desta vila (...) pertencente à história do nosso município, o benzimento solene e inauguração da capela da invocação da Virgem Senhora da Penha que teve lugar em data 1º do corrente cuja construção teve começo no ano de 1873 e fica no cimo da colina da mesma Vila, exclusivamente feita a expensas do povo do município no qual ato funcionaram os Revmos. Arceprestes e Vigário da vara da Comarca, Manoel Pires Martins, pároco de Itapemirim, Cônego José Gomes de Azambuja Meireles, Padre André Bertolo J. Miguez, vigário desta freguesia (GONÇALVES, 1996, p. 35).

Fica, portanto, comprovada sua finalização em 1883, em resposta a um pedido da população à Câmara Municipal de Benevente, à qual competia aprovar a construção da capela, em devoção à padroeira do Estado e sob sua invocação.

Na construção foram utilizados os próprios recursos naturais da região, no caso a água, a areia de rio, a argila, as madeiras e pedras retiradas das imediações, onde existiam em abundância. Inicialmente, o piso era de tábuas corridas, porém, foi substituído na primeira metade do século XX, em data que não conseguimos apurar, pelo ladrilho



2: Pormenor do ladrilho hidráulico da Capela de Nossa Senhora da Penha. Foto do autor, 2017.

hidráulico, ainda existente, por ser um material de larga durabilidade e imune às traças e cupins. O novo piso e respectiva colocação foram ofertados pelo Arcebispo de Mariana-MG, Dom Helvécio Gomes de Oliveira, nascido na cidade de Anchieta-ES.



## A intervenção

No propósito de conseguir a salvaguarda da capela e do seu acervo, depois de uma prévia avaliação das condições dos mesmos, foi elaborado um plano de restauro e preservação das características artísticas e arquitetônicas. Seus principais objetivos foram:

1. Reabrir a Capela com o mesmo propósito para a qual foi edificada;
2. Dar a conhecer a história da sua construção aos atuais moradores e visitantes;
3. Contribuir para o desenvolvimento do turismo religioso e cultural sustentável da cidade de Anchieta.

Assim, no dia 28 de dezembro de 2016, pelas 19h30, o pároco<sup>1</sup> deu início a uma reunião com os membros da comunidade do Morro da Penha, à qual compareceram o Superior da Plataforma Apostólica Leste, o padre Mieczyslaw Smyda, S. J., e Ivan Petri Florentino, responsável pela pesquisa e organização do trabalho histórico-cultural<sup>2</sup>. Foi anunciada a intenção de reabrir a Capela de Nossa Senhora da Penha, transformando-a em capela paroquial, e a necessidade da realização de algumas adequações, nomeadamente em objetos litúrgicos que haviam desaparecido, bem como intervenções no retábulo do altar-mor, no púlpito e na mesa do altar, por alojarem colônias de cupins e formigas. Apresentada a importância “de preservar a memória da história da cidade e do bairro”<sup>3</sup> os membros comunitários solicitaram nova reunião, a fim de procederem à criação do Conselho Comunitário da Capela da Penha tendo-se no dia 04 de janeiro de 2017 realizado a eleição dos membros do Conselho



3 Imagem da mesa e retábulo do altar-mor do século XIX. Foto do autor, 15 de janeiro 2017.

da Capela da Penha, a fim de acompanharem os trabalhos em todas as fases da intervenção.

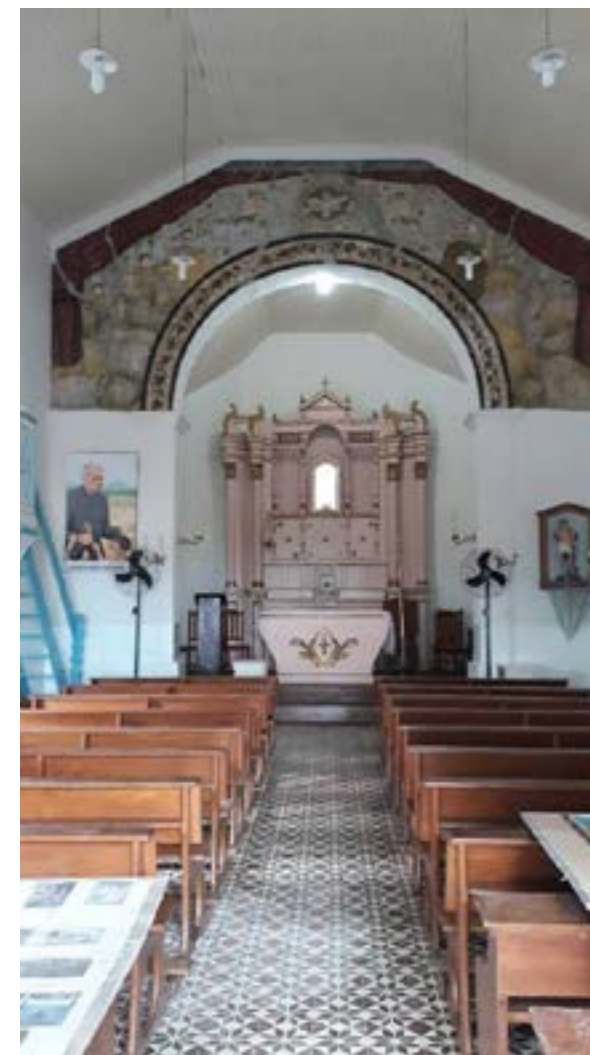
Paiva e Pimon (2013, p.2) usando o conceito da nova museologia e da palavra-chave “ecomuseu” teorizado por Georges-Henri Rivière (1985) sublinham que: “o museu é uma instituição que tem por finalidade conservar, comunicar e expor o patrimônio, no intuito de desenvolver a educação e a cultura”. Tendo estes princípios em mente, procurou-se orientar os trabalhos da Pastoral de Arte

e Cultura de modo a que se cumprissem os termos discutidos, isto é, o funcionamento da capela para fins litúrgicos, tornando-se, simultaneamente, um centro aberto a todos os públicos, sobretudo as escolas do município e da região, como apoio ao estudo da história local. Tratava-se, enfim, da primeira capela construída pela Paróquia numa fase difícil da história do município.

No processo da recuperação e restauro, a capela teve seu conjunto “Retábulo e Altar-Mor” preservados. No primeiro, a intervenção se limitou a limpeza das madeiras, enquanto na mesa do altar-mor se procedeu a substituição das partes danificadas pelos cupins seguida de pintura. O assoalho do altar-mor, comprometido por cupins e formigas, foi recuperado com madeiras resistentes a estes insetos. O mesmo sucedeu com o piso e a escada do púlpito. O coro alto, com o madeiramento de tábuas corridas de jacarandá e balaustrada em pau-brasil, em bom estado de conservação, recebeu um piso alteado novo, a fim de preservar o original. Procedeu-se à remoção do tablado da frente do presbitério, acrescentado durante o século XX, permitindo dar mais espaço e amplitude à nave única do templo, como era originalmente. Entre o mobiliário usado para a prática litúrgica, foram limpas e renovadas as credências em madeira do século XIX. Todos os trabalhos foram realizados entre os dias 04 a 13 do mês de janeiro, com a ajuda da Paróquia, da comunidade, de comerciantes e outros doadores.

No corpo da capela, o arco que marca a passagem da nave para o altar-mor apresenta uma pintura feita sobre o gesso. O afresco, com estilo da transição do barroco para o neoclássico, foi realizado pelo pintor popular Manuel dos Santos Mattos. Os motivos decorativos contemplam tronco e folhas de parreira, anjos e a pomba representativa do Divino Espírito Santo. Este conjunto pictórico foi oferecido pelo mo-

4 Da Mata Atlântica do município foram, no século XIX, extraídas muitas madeiras nobres para a construção naval e de casas, inclusive com destino ao Rio de Janeiro (GONÇALVES, 1996, p. 31).



4: Área ocupada pelo afresco. Foto do autor, 10 de janeiro de 2017.

rador da vila, o Sr. Manuel Passos Martins (GONÇALVES, 1996, p. 31), que desempenhara o cargo de presidente do paço municipal da vila de Benevente e ao qual a tradição oral atribui a construção integral do templo.

Apesar do caráter popular e simples da pintura, típica dos meios rurais das periferias que não querem passar ao lado das correntes estéticas em moda, contém os elementos vegetativos próprios da mensagem do Evangelho que a Igreja deseja passar aos fiéis. Com efeito, os motivos representam a força criadora e sua posição na transição do espaço

1 Padre Felipe de Assunção Soriano, S.J.

2 Autor deste trabalho e dinamizador da Pastoral de Arte e Cultura D. Helvecio Gomes de Oliveira, da Paróquia de N<sup>ª</sup> S<sup>ª</sup> da Assunção.

3 Ata n<sup>º</sup> 1 da reunião do Conselho da Capela da Penha. Arquivo Paroquial de N<sup>ª</sup> S<sup>ª</sup> da Assunção, Anchieta - ES.



5 Nossa Senhora da Penha. Madeira policromada. Foto do autor, janeiro 2017.

profano para o sagrado não deixam de exprimir valores morais e espirituais. O problema da preservação coloca-se aqui, porque o pintor marcou o desenho a fresco, porém a aplicação das tintas foi realizada a seco, motivo pelo qual a pomba da parte direita dos fiéis ou lado dos apóstolos desapareceu e, em seu lugar, em data incerta, alguém fez uso de calda de cimento para cobrir a área.

Foi dada atenção à imagem da padroeira da Capela, uma imagem do século XIX, em madeira policromada. A particularidade desta peça reside no fato



6: Área de maior intervenção. Visível o ponto do lado direito onde foi aplicada a calda de cimento. Foto do autor, 15 de janeiro 2017.

de na pintura do manto se manter a cor vermelha, cor que se manteve desde o século XVI até o ano de 1947, data da oficialização da bandeira do Estado do Espírito Santo, inspirada desde 19085 nas cores representativas de Maria: o rosa para sua humanidade e o azul para sua divindade. Esta escolha levou a que a estátua da Senhora da Penha existente no convento de Vila Velha abandonasse o manto de cor vermelha e passasse ao de cor azul, mudança que não aconteceu em Anchieta. Do ponto de vista da cultura e da simbologia católica, as cores tornam-se objeto de mensagem e o vermelho foi associado ao sangue de Jesus e ao Espírito Santo, expressas nas línguas de fogo do Pentecostes, símbolo do amor divino e do poder e vigilância, presente, por exemplo, nas vestes dos bispos.

A manutenção da cor original do manto da imagem de Nossa Senhora da Penha acabou por ser um desafio didático, porquanto a comunidade católica não entendia o porquê desta imagem não ser semelhante à de Vila Velha. Uma vez explicado e compreendido o motivo ficou evidente à comunidade que a preservação de sua identidade e historicidade eram fatores mais importantes que a cópia da cor do manto da Senhora do Convento da Penha.

Na intervenção foi contemplada a limpeza in-

5 Informação disponível na página oficial do Convento da Penha, em Vila Velha – Es Disponível em <http://conventodapenha.org.br/n-senhora-da-penha/>. Acesso em 02/10/2017.



Figura 7, 8 e 9: Capela de Nossa Senhora da Penha, década de 80 do século XX. Fonte: Acervo do arquivo paroquial.

terna e externa das paredes, com caiação a branco e foi discutida a manutenção ou não dos óculos laterais das paredes cuja função arquitetônica é a de facilitar a circulação de ar, a entrada de luz, sendo simultaneamente elementos decorativos.

No dia 15 de janeiro de 2017, às 08h30, a secular capela teve sua reabertura com missa solene, devolvendo-se ao culto público este patrimônio cultural e religioso do povo anchietaense.

Tendo o conceito de conservação associado ao de museologia, a intervenção neste espaço abarcou a “ciência da organização” dos museus e da exposição das peças e obras representativas da cultura, preservando-as e apresentando-as ao público, a quem a conservação interessa. Ganhou a paisagem e o patrimônio da cidade e do município, tendo-se tornado um espaço de visitação e de estudo para os alunos das escolas da região.

Para atender ao serviço pedagógico e turístico foi elaborado um painel explicativo afixado na proximidade da porta da entrada, do lado dos apóstolos, e um folder. A marcação de visitas das escolas é realizada diretamente na secretaria paroquial e fica a cargo dos membros que compõem a pastoral de Arte e Cultura.

Os resultados da intervenção, dada a proximidade física de um monumento nacional, o Santuário Nacional de São José de Anchieta, permitem alargar a oferta cultural, informativa e turística. O impacto da afluência e circulação de pessoas aumentou naquela parte da cidade, em especial em horários de celebrações litúrgicas, que era um dos pontos preocupantes da comunidade jesuítica, que se ocupa do santuá-



10: Colocação de painel alusivo à história da Capela, lado da Epístola. Foto do autor, 15 janeiro 2017.

rio e da capela. Para a cidade de Anchieta e toda a sub-região sul do Estado, o polo representativo da antiga aldeia da missão de Reritiba foi um ponto fulcral para a evangelização e de aglutinação de tribos



vindas de diferentes regiões do Espírito Santo e de outros estados e foi importante centro de construção da civilização brasileira. Ao preservar e devolver o espaço à cidade foi dada a merecida importância ao patrimônio e ao papel que os moradores do século XIX desempenharam na evolução do município.

### Referências Bibliográficas

CABALLERO, Zoreda Luis. "La documentación museológica". Boletín Anabad. XXX VIII. N 4, Madrid: Anabad, 1988. pp. 455 - 493.

CARVALHO, José Antônio. *O Colégio e as residências jesuítas no Espírito Santo*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1982.

CIRLOT, Juan Eduardo. *Dicionário de símbolos*. Tradução Carlos Aboim de Brito. Porto: Publicações D. Quixote, 2000.

Conferência Episcopal Portuguesa. *Património histórico-cultural da Igreja*. Lisboa. 1990.

CUNHA, Maria José dos Santos. *Jesuítas no Espírito Santo: contatos, confrontos e encontros, 1549-1759*. Tese de Doutorado. Universidade de Évora, 2015.

GONÇALVES, Emiliana. *Anchieta cidade dos sonhos*. Vitória: Edição da Autora, 1996.

MOURA, Margarida Maria. "Devoções Marianas na roça e na vila". Centro de Estudos da Religião Duglas Teixeira Monteiro. Departamento de Sociologia – USP. 1994. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/74978-101315-1-sm.pdf. Acesso em 26/08/2017.

PAIVA, Kenya Jessyca Martins de; PRIMON, Juliane Conceição Serres. "Museus no Brasil: a nova museologia e os benefícios proporcionados à prática pedagógica na escola". XXVII Simpósio Nacional de História. ANPUH, Natal – RN, julho 2013. Disponível em: [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364945900\\_ARQUIVO\\_ANOVAMUSEOLOGIAEOSBENEFICIOSPROPORCIONADOSAPRATICAPEDAGOGICANAESCOLA.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364945900_ARQUIVO_ANOVAMUSEOLOGIAEOSBENEFICIOSPROPORCIONADOSAPRATICAPEDAGOGICANAESCOLA.pdf) (Acesso 29/09/2017).

RIBEIRO, Fernanda. "Organizar e representar informação: apenas um meio para viabilizar o acesso?". Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património. Série vol. IV Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, pp. 83-100.

RIVIÈRE, Georges-Henri. "Définition évolutive de l'écomusée". *Museum, (Images de l'écomusée)*. XXXVII, 148. Paris: UNESCO, XXXVII, 1985, p. 182-183.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. "Museus Brasileiros e política cultural". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 19. Nº. 55, 2004.

SCHLERETH, Thomas J. (ed.). *Material Culture: a Research Guide*. Lawrence, Kansas: University of Kansas, 1985.



Recebido em: 14/01/2020      Aprovado em: 04/02/2020